

# **Correio do Povo**

**A primeira semana  
de um jornal centenário**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juliana Tonin – PUCRS  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

**Juremir Machado da Silva**

**Correio do Povo**  
**A primeira semana**  
**de um jornal centenário**



*Editora Sulina*

© Juremir Machado da Silva, 2015

Capa: *Humberto Nunes* (imagem da capa cedida pelo Correio do Povo)

Projeto gráfico e editoração: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão: *Álvaro Nunes Larangeira*

Revisão gráfica: *Mirian Gress*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO ( CIP )

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: DENISE MARI DE ANDRADE SOUZA CRB 10/960

---

586c Silva, Juremir Machado da  
Correio do Povo: a primeira semana de um jornal centenário /  
Juremir Machado da Silva. -- Porto Alegre: Sulina, 2015.  
174 p.

ISBN: 978-85-205-0741-4

1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Correio do Povo – História.  
4. Jornal. I. Título

CDU: 050(816.5)

070(816.5)

CDD: 050

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS  
Tel: (051) 3311-4082  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Setembro/2015}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

“Este jornal vai ser feito para toda a massa,  
não para determinados indivíduos de uma única facção.”

Caldas Júnior,  
editorial da primeira edição do *Correio do Povo*,  
1º de outubro de 1895.

“Narrar as misérias de um povo não é rebaixá-lo.  
O que o rebaixa é a prática dessas misérias.”

Ângelo Dourado,  
em *Voluntários do martírio*:  
*narrativa da revolução de 1893* (publicado em 1896).

“Jornalismo é publicar aquilo que alguém  
não quer que se publique. Todo o resto é publicidade.”

George Orwell



## Sumário

1. Revoluções da palavra, 9
  2. A moldura da época, 16
  3. Nascimento de um jornal, 28
  4. Em nome do pai, 35
  5. Um editorial para a história, 50
  6. Opinião argumentada, 62
  7. Humor brejeiro, 75
  8. Publicidade discursiva, 84
  9. Folhetim histórico para o imaginário, 96
  10. Marketing literário, 115
  11. Primeira reportagem, 127
  12. Informação no DNA: o fundamento, 139
  13. Crítica de mídia, 147
  14. Feliz aniversário, presidente, 155
  15. De um século a outros, 157
- Referências, 171





## 1. Revoluções da palavra

Quanto tempo se passou até que o Rio Grande do Sul entrasse na era moderna do jornalismo? A culpa, se culpa pode existir quando se trata de um processo histórico com suas estruturas e circunstâncias, não é do jornalismo nem dos gaúchos, que se sentiam modernos mesmo quando repetiam gestos ancestrais sem revesti-los com a armadura da tradição. A modernidade chegou tarde ao Brasil como se fosse uma caravela soprada por ventos sussurrados. Sob certos aspectos, ainda não se completou. O jornal *A Província de São Paulo*, que mais tarde adotaria o nome de *O Estado de S. Paulo*, nasceu para combater a escravidão e a monarquia, é de 4 de janeiro de 1875. Vinte anos transcorreriam até que um vento renovador atingisse o sul do país. Seria, porém, um vento de outra ordem, mais técnico e menos engajado, ainda que sob a influência declarada da República e da liberdade.

Quanto sangue correu até que os gaúchos conhecessem os primeiros sinais da modernidade como expressão do racional, da ciência, da educação e dos fatos? Sangue? Sim, a história se fez e se faz com muito sangue inocente. No caso dos habitantes do Rio Grande do Sul, os sul-rio-grandenses, que se tornariam conhecidos pelo gentílico de gaúchos, o sangue jorrou nas tantas guerras de fronteira e em duas guerras civis encravadas na história local feito tatuagens – a Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845, e a Revolução Federalista, de 1893 a 1895. Na primeira, o “inimigo” era o Império, o Brasil da Regência e do imperador menino, D. Pedro II, indiferente aos interesses dos estancieiros do sul do país. Na segunda, gaúchos lutaram, antes de tudo, contra gaúchos, mas o governo central republicano também se tornou foco na medida em que teve o seu lado.

Quantas ideias foram defendidas em jornais movidos por paixões violentas e cegas de certeza e treva? Quantas penas brilhantes foram mobilizadas para justificar ideologias que se apresentavam como a verdade absoluta a ser revelada aos ignorantes? Quanta tinta foi gasta antes que um jornal se desse a missão de informar e de atender acima de tudo aos interesses dos seus leitores? É enorme a lista de jornais políticos ou partidários impressos no Rio Grande do Sul no século XIX. Um dos primeiros foi o *Constitucional Rio-grandense*, que durou de 5 de julho de 1828 a 1831, dirigido por Vicente Ferreira Gomes. Era liberal, atacava governantes – embora fosse impresso graças à benemerência de um organismo, a Santa Casa, dependente do governo da província –, difundia artigos virulentos e, eventualmente, muito even-

tualmente, publicava notícias, o que não o tornava menos sério. Quanto tempo levou até os gaúchos compreenderem que a tarefa primordial de um jornal é noticiar o que acontece todos os dias?

É uma longa história. A história de uma profissão de fé. A fé numa profissão amparada em três etapas fundamentais: apurar, redigir e editar. Quando noticiar não passava de uma tarefa eventual, a apuração não existia. Redigir era o centro de tudo. Os diretores dos jornais eram os seus redatores. Esse era o nome do poder. A edição, como seria entendida mais tarde, com seleção, hierarquia, diagramação, ilustração e titulação, era ainda uma miragem. O jornalismo foi descobrindo as suas técnicas a serviço da palavra.

O verbo nomeia designando a ação. Tudo se ilumina. A humanidade existe pela linguagem. Só aquilo que encontra expressão, podendo ser armazenado e transmitido, toma forma. Um conteúdo só alcança um destinatário quando formatado. É preciso que o encoberto se torne descoberto. A palavra faz vir à tona o escondido, o pressentido, o intuído, o pensado e o sonhado. As maiores revoluções da humanidade têm a ver com a palavra tomando corpo: revolução cognitiva, revolução da escrita, revolução da impressão. O alemão Gutenberg foi certamente um dos maiores revolucionários da história. A sua arma foi a mais fecunda e permanente. O mundo da palavra divide-se em antes de Gutenberg (a.G.) e depois de Gutenberg (d.G.). A invenção da prensa uniu as revoluções cognitiva e da escrita. Abriu-se um mundo novo, o verdadeiro Novo Mundo pelo qual certos europeus sus-

piravam e que acabariam encontrando e dominando pela espada e pela força do verbo, da audácia, da cobiça e da imaginação.

Se Cristóvão Colombo “descobriu” a América, embora tenha morrido sem se dar conta disso, e Pedro Álvares Cabral “descobriu” o Brasil, do qual não chegou a desfrutar, Gutenberg “descobriu” a navegação que abriria os oceanos ao império do jornalismo, a mais colossal forma de conquista de imaginários. Embora se possa falar pertinentemente em impressão e em jornais antes de Gutenberg – os chineses imprimiam desde, pelo menos, o ano distante de 932 (Martins, 1996) –, é só depois da invenção do misterioso tipógrafo, pouco se sabe sobre a vida dele, que o horizonte se abre para a impressão massiva. A palavra imprensa, derivada de prensa móvel, passaria a designar a atividade jornalística e a categoria dos jornalistas. O inventor presentiu que sua descoberta mexia com ideias e crenças. Fez várias impressões até se consagrar com a Bíblia, em dois volumes, batizada de “Bíblia de 42 linhas” ou de “Bíblia Mazarina” por ter enriquecido a biblioteca do poderoso cardeal Mazarino (Martins, 1996, p. 152). Colônia de Portugal, depois império com a marca portuguesa, o Brasil custou a imprimir no seu cotidiano a sintonia entre imprensa e informação. A opinião reinou soberana, selvagem e provocadora por quase um século.

A imprensa no Brasil começou oficialmente com a chegada da família real, em 1808. Esse fato poderia justificar a cansativa viagem da nobreza portuguesa para os trópicos. O medo de Napoleão Bonaparte experimenta-

do pela corte portuguesa teve o seu lado positivo para o Brasil. A *Gazeta do Rio de Janeiro* deu tardiamente a largada carregando, conforme um rótulo concebido posteriormente, uma marca negativa: jornalismo “chapa branca”. Surgiu para ser porta-voz do governo. A voz do poder. O Brasil tornou-se independente. A República substituiu o Império. Só o jornalismo “chapa branca” nunca terminou. É verdade que a *Gazeta do Rio de Janeiro* encontrou no *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa, um opositor. Seria essa interminavelmente a história do jornalismo brasileiro? No Rio Grande do Sul, o primeiro jornal, de 1827, o *Diário de Porto Alegre*, nasceu com apoio do presidente da província, o polêmico Salvador José Maciel.

Na verdade, o *Diário de Porto Alegre* deveria ter sido lançado em 1822, quando o presidente da província, o português João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun, comprou uma tipografia. As circunstâncias eram favoráveis ao lançamento de um diário na medida em que dois desertores franceses das tropas do general argentino Alvear, o tipógrafo Estivalet e o impressor Claude Debreuil, estavam disponíveis no mercado. Em 1832, já metido em outras aventuras jornalísticas, Debreuil foi brindado com um atentado à bala. Francisco Rüdiger destaca que o intrépido jornalista de muitas causas e poucos recursos, criador do jornal *O Pobre*, conseguiu ainda “ser preso e processado por abuso de linguagem” (1993, p. 17), num tempo em que toda a linguagem publicada era praticamente um abuso de poder. Os grandes empreendimentos ainda

costumam valer-se de situações inusitadas e não podem se prender a julgamentos morais ou constrangimentos diplomáticos. Nem era o caso naqueles dias. A independência brasileira, contudo, levou o governante empreendedor, o muito luso Oliveira e Daun, a pedir demissão. Foi conduzido ao Rio de Janeiro na condição de quase prisioneiro, ou algo do gênero, conforme as possibilidades da época. A imprensa no Rio Grande do Sul precisou esperar mais cinco anos para ter certidão de nascimento.

As décadas seguintes veriam uma profusão de jornais surgindo e desaparecendo como fogos fútuos ou luzes meteóricas tentando furar o breu de todo tipo de dificuldade, da censura dos donos dos poderes, passando pela falta de recursos, aos chamados empastelamentos por oponentes políticos ou grupos tomados por alguma emoção particular. Uma média de um jornal por ano. Eram folhas avulsas impressas com a ânsia das paixões mal-resolvidas e o improvisado das ideias à flor da pele. Costumavam ter o diminuto formato 28 x 18 cm. A Revolução Farroupilha teve quatro órgãos oficiais: *O Mensageiro*, *O Povo*, *A Estrela do Sul* e *O Americano*. A luta pela abolição da escravatura teve muitos títulos destemidos, entre os quais o pelotense *A Voz do Escravo* (1881). Entre os periódicos generalistas, na medida em que isso tenha sido possível numa época de obsessão por causas específicas e vorazes, o *Taquaryense*, de Taquari, lançado em 1887, ainda continua em circulação, assim como a *Gazeta de Alegrete*, de 1882.

Algo precisava acontecer para que o Rio Grande do Sul descobrisse o seu Novo Mundo e saltasse, por anteci-

pação, do século XIX para o século XX. Numa época de fartura de acontecimentos, na qual os fatos não faziam greve e não faltava notícia para encher páginas pingando sangue ou destilando visões fechadas de mundo, um visionário teve a ideia de fundar um jornal para informar. Francisco Rüdiger considera que o jornalismo no Rio Grande do Sul passou por três etapas: pasquins (o sensacionalismo na sua fase primitiva), jornais político-partidários e imprensa noticiosa. Uma atmosfera de faroeste americano teria dominado os primeiros tempos: “Os processos criminais, a condenação a penas de prisão, os atentados à bala, o empastelamento de jornais e a destruição de tipografias tornaram-se por isso característicos do processo de formação do jornalismo no Rio Grande do Sul” (Rüdiger, 1993, p. 22). Noticiar não foi a razão de ser dos primeiros jornais do Rio Grande do Sul: “Os jornais dos primeiros 25 anos da imprensa sul-rio-grandense tinham escassa matéria de redação (...) Notícias, mesmo, se cingiam, em alguns, à chegada de navios no porto de Rio Grande” (Lourival Vianna apud Rüdiger, 1993, p. 86). O óbvio, com suas circunstâncias e acasos, nem sempre nasce junto com o que lhe servirá de suporte.

Havia jornais de formação política e moral, veículos de opinião, de catequese, de pregação, de proselitismo, de propaganda, de persuasão e de engajamento. A tríade das funções jornalísticas nunca muda: informar, formar e entreter. A questão é a ordem desses termos na vida de um jornal. Essas funções estavam de cabeça para baixo no extremo sul do Brasil. Caldas Júnior colocou-as

em pé. A formação deve ser consequência da informação. O entretenimento é complementar. A revolução do *Correio do Povo* teria como base, por um lado, a passagem do adjetivo ao substantivo. Por outro lado, o verbo viraria manchete, multiplicando-se a cada dia. O Rio Grande do Sul descobriria na primavera de 1895 a sua América do jornalismo.